



PERCursos ALTERNATIVOS



DIASPORINES

Volume 1

Carolina Maria de Jesus

Do texto escrito para a vida: a
popularidade de Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher preta, batalhadora, com pouco estudo e que teve uma grande importância para sua época. Ela esteve com políticos, artistas, escritores e ganhou o respeito e a admiração de todos. Você já ouviu falar dela? Pois é...



Com Ruth de Souza em 1961 na favela do Canindé

A vida não foi tão fácil para Carolina, que nos anos 1940 teve que mudar-se para a favela do Canindé em São Paulo e viver com seus três filhos da renda proveniente da reciclagem. O lixo para ela tornou-se um meio de subsistência financeira e por vezes até de alimentação. Os papéis que eram encontrados nos resíduos eram usados para escrever e também eram fontes de leitura, fazendo aflorar ainda mais a paixão que ela já tinha pela leitura, sentimento este que fez ela ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas e lançar o livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada, obra que teve uma relevância extraordinária para a época, batendo recordes de venda, sendo traduzido para inúmeras línguas. Dessa maneira, Carolina insere-se em um mundo muito diferente do que ela estava acostumada, passando a viver na sua tão sonhada casa de alvenaria e tendo contato com celebridades de todos os campos.

Apesar de sua simplicidade, a poeta tinha um olhar crítico no que concerne a questões políticas. Teve encontros com vários homens públicos, onde a conversa fluía muito além da literatura. Em um encontro com o jovem Eduardo Suplicy nos anos 1960, Carolina é convidada a visitar o clã Matarazzo para um almoço, passando o dia com dona Filomena, matriarca da família, que recebe a então escritora com toda pompa e admiração. Em outro momento, vemos a poeta indo até o Rio Grande do Sul, mais especificamente Porto Alegre, para ter um encontro com o então governador Lionel Brizola e visitar as favelas da cidade, momento este que faz ela comparar as diferenças entre o Sul e o Sudeste:

“O que impressionou-me na favela de Porto-Alegre foi a quantidade de água quando abri a torneira em dois minutos enche-se uma lata. As mulheres lavam as roupas com água canalizada desinfetada com cloro. E os favelados de São Paulo lavam roupas com a água do Tietê – o rio que recebe os esgotos de São Paulo. (...) São Paulo é o rico, que não quer ser parente dos estados pobres. São Paulo renega sua genealogia. É rico. Quer ser bajulado. São Paulo, São Paulo! Abre os olhos! Deixa de ser orgulhoso. O orgulho é uma chave que não abre a porta para o triunfo.” (Casa de Alvenaria Osasco – p.159)

E as celebridades não ficam restritas apenas ao meio político; Carolina frequentou programas de rádio e TV, onde teve contato com Ruth Escobar e Maria Dela Costa, grandes damas do nosso teatro, além de Ruth de Souza, admirável atriz brasileira que interpretou a escritora na peça homônima à obra de descoberta de Carolina. Quarto de Despejo foi encenado pela primeira vez em 27 de abril de 1961, no teatro Bela Vista e divulgado nos jornais da época, inclusive noticiando o encontro entre a atriz e a escritora para um trabalho de composição da personagem.

O mais interessante é como Carolina é reconhecida em todas as camadas sociais; ela transitava desde as pessoas mais simples da favela, até aos núcleos mais abastados. Todos conheciam a escritora. Para uma época muito diferente do que vivemos hoje, sem essa globalização pertencente aos meios digitais, era um imenso feito uma pessoa ter tanto reconhecimento assim.

“...Eu era do quarto de despejo. Agora eu sou da sala da visita. Estou na casa de alvenaria. No quarto de despejo eu conhecia os pé rapado, os corvos e os mendigos. Na casa de alvenaria estou mesclada com as classes variadas, os ricos e os da classe média.” (Casa de Alvenaria, Santana – p.105)

A fama dessa notável mulher não fez apenas ela conhecer pessoas ilustres, mas também a levou a várias cidades para promover sessões de autógrafa do seu livro. Ela percorreu cidades brasileiras, hospedando-se por vezes em hotéis de luxo, como o Copacabana Palace no Rio de Janeiro e fez viagens ao exterior, como Argentina, Chile e Uruguai. Seu livro foi traduzido para 13 idiomas, elevando seu nome mundo afora. Sua importância era tanta, que o repórter David St. Clair acompanhou várias sessões de autógrafos e até viagens de Carolina, noticiando tudo para o New York Times, jornal eminente nos Estados Unidos e para a revista Time.

E não foi apenas St. Clair que estabeleceu um vínculo mais próximo com a escritora. Ignácio de Loyola Brandão, jovem repórter da Última Hora na época e hoje imortal da Academia Brasileira de Letras, por vezes foi conselheiro da escritora, trazendo equilíbrio para a ex-favelada que vivia uma conturbada relação entre a fama que lhe tirara o sossego e a vontade de ter tempo para ler tudo o que poderia.

Apesar de tamanha notoriedade, o sonho de Carolina era ter uma casa de alvenaria, nada suntuosa, apenas um lugar que ela pudesse chamar de lar e tivesse tempo de ler, escrever e ver seus filhos receberem a educação formal que não lhe foi possível. Para suas crianças, o fato de poderem comer todos os dias já era motivo de riqueza. Não precisavam de muito, apenas do básico para que pudessem sentir-se privilegiados.

Em 1983, a TV Globo exibiu o Caso Verdade “Quarto de despejo – de catadora de papéis à escritora famosa”, exibido entre os dias 07 e 11 de março, já póstumo à Carolina, que faleceu em 1977, aos 62 anos, em decorrência de uma crise de asma.



VAMOS ANALISAR ALGUMAS FONTES PARA COMPREENDER MAIS O TAMANHO DO SUCESSO DESTA PERSONALIDADE?

O cartaz ilustra o reconhecimento de nossa escritora que virou tema de uma peça de teatro protagonizada por Ruth de Souza. Na linda imagem, podemos perceber Carolina sendo autora de mais uma de suas ricas histórias. Além da peça teatral, também foi ao ar um Caso Verdade, exibido em 1983 pela Rede Globo, trazendo novamente a atriz no papel de Carolina. Assista ao vídeo abaixo que contém cenas dessa minissérie para conhecer melhor a história.

[CULTNE - "Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus" - Ruth de Souza - YouTube](#)

Na edição de 23 de setembro de 1960 do jornal O Estado de São Paulo, Carolina Maria de Jesus está ligada à reunião de um grupo de pessoas negras de destaque, como o jogador de futebol Pelé e a atriz Ruth de Souza. Chamamos a atenção também o fato de que se tratava de uma narrativa intimamente ligada à morte de Patrice Lumumba, pan-africanista, líder anti-colonialista e primeiro-ministro da república democrática do Congo que lutou pela independência do seu país e, após um tempo, foi assassinado.



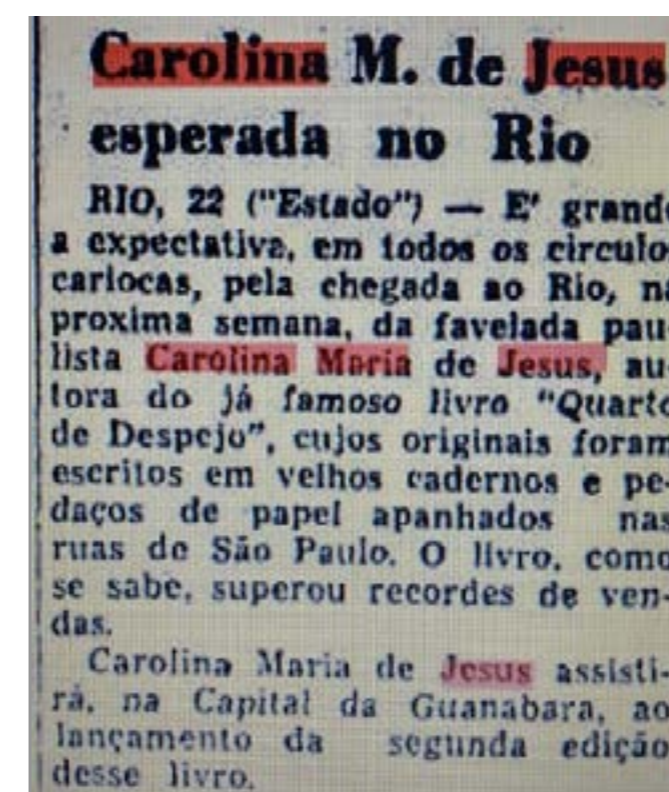
16 DE NOVEMBRO DE 1961

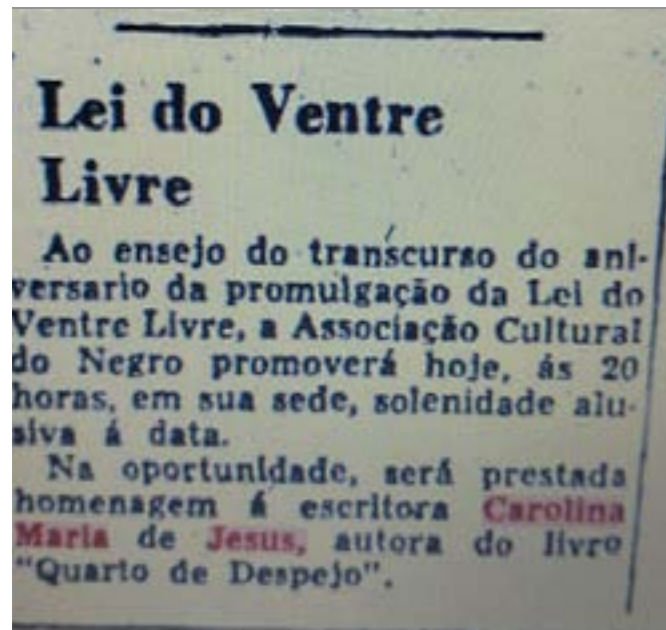
Na edição de novembro de 1961 do jornal O Estado de São Paulo, temos a nossa célebre escritora em viagem para o lançamento de seu livro em Buenos Aires, Argentina. Como já dito anteriormente, é preciso destacar que a linguagem e criatividade da poeta ultrapassou as barreiras do território nacional e foi reconhecida por outros países e nacionalidades por tamanho número de traduções feitas e vendidas!



EDIÇÃO DE 23 DE SETEMBRO DE 1960

Na edição de 06 de outubro de 1961 do jornal O Estado de São Paulo, para além da afirmação sobre o alto número de livros vendidos, é importante destacar a materialidade da escrita resiliente de Carolina Maria de Jesus: cadernos velhos e pedaços de papel achados nas ruas.





28 DE SETEMBRO DE 1960

Na edição de 28 de setembro de 1960 do jornal Estado de São Paulo, Carolina Maria de Jesus aparece ligada a uma associação do movimento negro e como personagem central na celebração de uma data histórica de suma importância na luta abolicionista no Brasil.

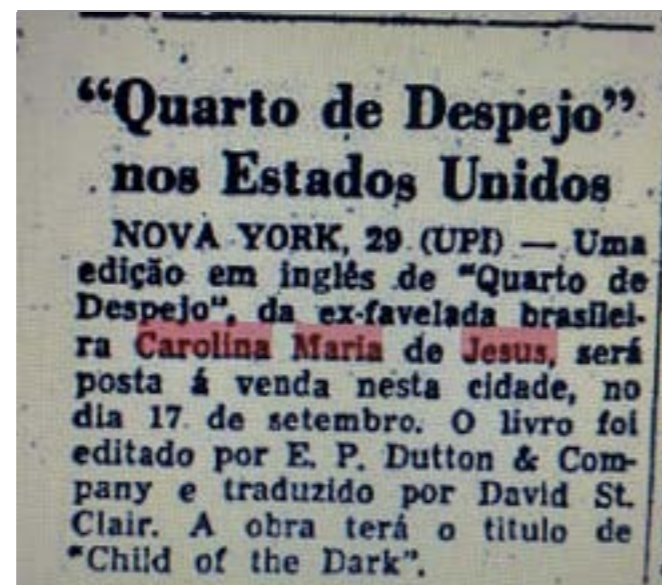
EDIÇÃO DE 27 DE ABRIL DE 1961

Com a estreia de Quarto de Despejo no teatro Bela Vista, Carolina vivencia uma noite de casa cheia e ampla divulgação nos jornais da época. Abaixo temos a reportagem realizada pelo O Estado de São Paulo e na sequência o convite feito à população paulistana, partindo do jornal Folha de São Paulo.



30 DE AGOSTO DE 1962

Neste excerto, publicado em 30 de agosto pelo O Estado de São Paulo, retomamos mais uma vez o argumento de que a narrativa de nossa escritora atravessou as barreiras raciais de nosso país e foi traduzida e espalhada pelo mundo mantendo diálogo direta ou indiretamente com outras narrativas de descendentes da diáspora e grupos subalternizados.



Conhecendo a história desta mulher que conquistou o mercado editorial da época, que foi um dos rostos mais conhecidos do Brasil dos anos 60, só nos cabe uma reflexão: por que não temos Carolina sendo divulgada nas escolas? Onde está seu nome no nosso rol literato? Uma mulher tão determinada, com uma obra tão importante, que não fica aprisionada ao campo ficcional, mas sim retrata a dor da pobreza, da exclusão social, não pode ser esquecida. Carolina é e deve ser sempre elencada como uma das nossas grandes escritoras, um ícone a ser estudado e prestigiado.



O INGLÊS COMO DIALETO GLOBAL DAS DIFERENÇAS: UMA LIÇÃO QUE AINDA NÃO APRENDEMOS!

Sabemos que o deslocamento de pessoas, mercadorias e culturas, nomeado por muitos teóricos como globalização (Hall, 2006; Canclini 2008; Bhabha, 2005), também transformou as relações locais e mundiais de sociabilidade, tornando-as mais complexas e heterogêneas. Em relação ao processo de aquisição do Inglês, o mesmo pode ser dito, fato que o coloca como língua nacional, de comércio, de produção da ciência, de relações políticas e diplomáticas, a depender do contexto. No entanto, quando tratamos do ensino e da aprendizagem do Inglês no Brasil como língua estrangeira, há pouco debate sobre os processos de escravização, colonização e imperialismo que o tornaram língua oficial, materna ou estrangeira em muitos lugares, ou seja, uma ferramenta de colonização britânica/norte-americana e/ou do imperialismo britânico/norte-americano. Nesse sentido, é preciso conectar narrativas sobre estudantes, artistas, ativistas, intelectuais, músicos, atletas e outras formas de agenciamentos afrodiaspóricos que deslocam a Língua Inglesa para um lugar de dialeto global, capaz de negociar diferenças de gênero, de classe, de raça, de etnia e nacionalidade e, conseqüentemente, ser um percurso alternativo de aprendizagem. Vamos trabalhar este argumento do texto em dois pontos.

O primeiro requer entender como a globalização econômica e cultural impacta diretamente nos processos de ensino e aprendizagem, principalmente no sentido de formar cidadãos não só locais, mas também mundiais. Notamos que o contexto da criança, do adolescente e dos gestores do século XXI é perpassado por experiências já mediadas pela relação Inglês-Português e/ou Português-Inglês, principalmente quando pensamos em aparelhos e tecnologias digitais como celulares, tablets, computadores e nos recursos que eles podem oferecer, tais como aplicativos com séries, filmes, jogos, redes sociais. Esta situação oferece inputs, ou seja, insumos em/ pedaços de Língua Inglesa.

Pensando em Roxane Rojo (2012, 2013), pode-se dizer que na contemporaneidade alunos, professores e gestores enfrentam desafios que vão além da escrita e da leitura em papel: todos precisam ler e escrever textos multimodais digitais, inscritos em diferentes semioses (oral, escrita, imagética estática, imagética em movimento, sonoplástica, em três dimensões, gráfica e outras), misturados por meio de links e hipertextos. Embora a autora esteja se referindo sobretudo ao ensino de língua materna, o mesmo pode ser pensado para o Inglês, no sentido de como as tecnologias digitais e os textos multimodais trazem mais inputs aos alunos:

Não bastasse o fato de as TICs permitirem que os sujeitos da periferia entrem em contato com práticas de texto antes restritas aos grupos de poder, elas ainda possibilitam e potencializam a divulgação desses textos por meio de uma rede complexa, marcada por fluidez e mobilidade, que funciona paralelamente às mídias de massa (ROJO, 2013, p. 8).

A partir disso, alguns questionamentos podem ser feitos: No espaço escolar, o corpo discente, docente e gestor está sendo privado ou não de uma realidade globalizada que já é bilíngue? A escola pública pode, a partir de experiências vividas destes grupos, promover ações pedagógicas em Inglês-Português e/ou Português-Inglês no intuito de construir uma cidadania para além do espaço nacional?

O conceito de bilinguismo aqui mobilizado não significa a experiência de um estrangeiro cuja língua materna não é a oficial de uso em seu território, mas de como as relações sociais de brasileiros na contemporaneidade digital são constituídas pelos pares Inglês-Português/Português-Inglês e de como isso pode garantir um acesso maior a um mundo científico, cultural, social e econômico, formando cidadãos cosmopolitas. Ainda assim, o conceito de bilinguismo ajuda a conectar a experiência afro-periférica, vivida pela maioria dos estudantes da escola pública brasileira, às narrativas que estão fora do estado nacional, aliando o ensino e a aprendizagem do Inglês a um percurso alternativo: a diáspora africana.



Esta perspectiva focaliza o modo como sujeitos estudaram o Inglês e o disseminaram com outros ritmos, sotaques, léxicos, expressões e culturas, sendo, conseqüentemente, uma espécie de contra-ataque ao Colonialismo/Imperialismo da Língua, ou seja, mais um dialeto global. Estamos nos referindo a renomados intelectuais, tais como Stuart Hall (jamaicano), Paul Gilroy (britânico), Homi Bhabha (indiano), Gayatri Spivak (indiana), Angela Davis (norte-americana; fez parte do movimento dos Panteras Negras), bell hooks (norte-americana); a escritores literários como Chinua Achebe (nigeriano), Derek Walkot (santa-luence; prêmio nobel de Literatura em 1992), Chimamanda Ngozi Adichie (nigeriana), Jamaica Kincaid (também professora universitária) e Abdulzak Gurnah (tanzaniano; atual ganhador do prêmio nobel em 2021; também professor universitário); a escritores negros norte-americanos como Toni Morrison (primeira mulher negra a ganhar o nobel de literatura, na data de 1993); a atletas, artistas, ativistas e músicos que fazem/fizeram parte de movimentos antirracistas (Martin Luther King, Steve Biko, Angela Davis, Lewis Hamilton) e, por fim, a força do Movimento Black Lives Matter no mundo. Além disso, é preciso compreender os agenciamentos coletivos, tais como Conferências e Congressos que foram feitos na Europa por sujeitos da diáspora (descendentes de escravizados, povos colonizados e estudantes das colônias) que culminaram na luta por direitos civis de povos negros de diversos lugares no mundo e na independência de países africanos. Estamos falando de figuras históricas como W.E.B Du Bois, George Padmore e Walter Rodney.

Os exemplos citados acima deslocam o Inglês como Língua Imperial, por vezes reforçado por escolas de idiomas e escolas bilíngues que fingem um específico sotaque nativo britânico ou norte-americano empobrecedor à aprendizagem dos alunos, e conecta a experiência afro-periférica a uma narrativa de pertencimento e ancestralidade maiores que os limites da língua portuguesa, do território nacional e de um único povo. Ainda assim, torna-se importante aprender a Língua Inglesa por meio de experiências que atravessam diretamente a identidade de afrodescendentes das escolas públicas do Brasil.

Nesse sentido, cabe aqui alguns questionamentos:

Como seria uma aula de Inglês a partir do desenho animado nigeriano Bino e Fino? Hey! Where did our puddle go?! - Learn about the water cycle - Bino & Fino - YouTube. Este texto possibilitaria explicar conceitos científicos, explorar aspectos culturais da Nigéria e discutir sobre flexão de gênero em Inglês, tudo isso numa linguagem multissemiótica e afro-diaspórica?

a) E se tivéssemos como insumo em Língua Inglesa um Slam (uma linguagem poética que explora o som, as palavras e o corpo numa performance de batalha) de um jovem? Solli Raphael, 12, becomes youngest winner of Australian Poetry Slam - YouTube

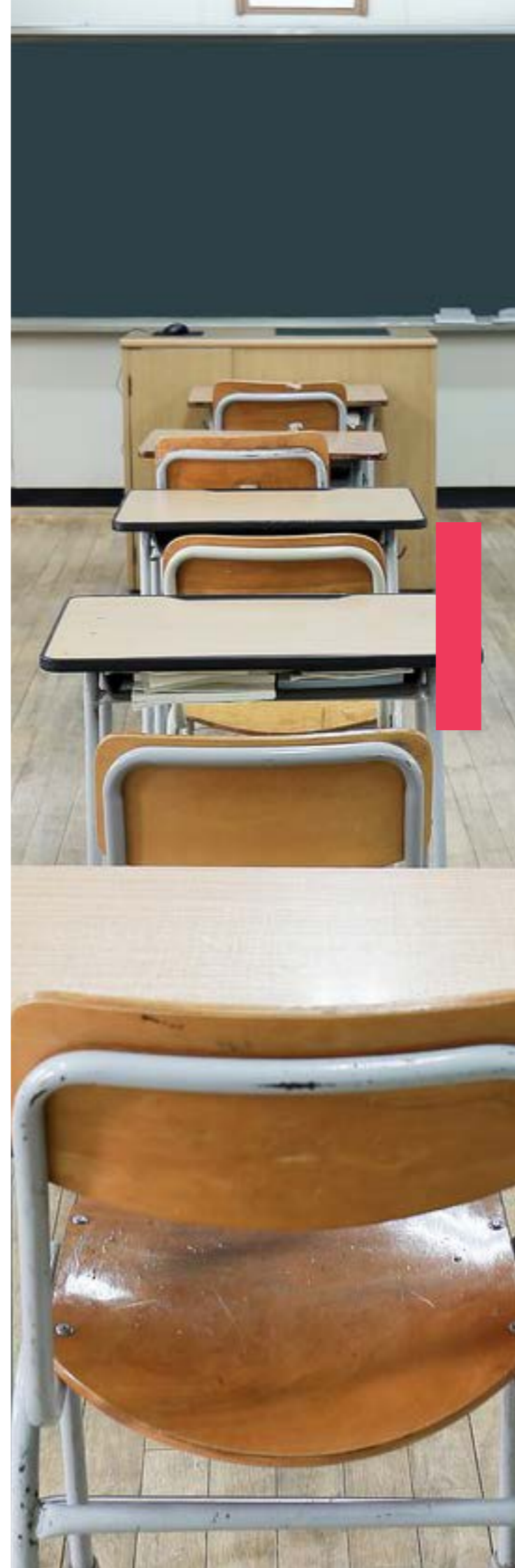
b) E se o próprio poema, por vezes impresso em papel preto e branco, ganhasse vida, via leitura, por meio de um vídeo feito pelo autor, o afro-americano Jericho Brown. Como este texto ajudaria a tratar de um tema tão caro à sociedade brasileira que é a violência policial? Jericho Brown | "Bullet Points" - YouTube

c) E se tivéssemos de comparar os três diferentes vídeos a seguir das cantoras Alicia Keys, Beyoncé e Seinabo? Quais as similaridades e diferenças em termos linguísticos e culturais?

[Alicia Keys - Underdog \(Official Video\) - YouTube;](#)

[Beyoncé, Blue Ivy, SAINT JHN, WizKid - BROWN SKIN GIRL \(Official Video\) - YouTube](#)

[Seinabo Sey - I Owe You Nothing - YouTube](#)



Como seriam as aulas de Inglês nesta conexão da experiência dos textos das letras a, b, c, d com a vida dos estudantes?

É importante reforçar que a oportunidade de explorar o universo vasto da cultura e do conhecimento proporcionado pela Língua Inglesa não desconsidera a leitura e a escrita em Língua Portuguesa, principalmente quando as ações pedagógicas visam construir um espaço de interação em Inglês-Português e/ou Português-Inglês mais como negociação e menos como tradução. Desse modo, torna-se necessário desfazer o mito do nacionalismo linguístico, por vezes reiterado como gramática normativa ou gramática de gêneros textuais que pouco resultado tem garantido às habilidades de ler e escrever de estudantes que concluem o ensino fundamental e médio e observar experiências de políticas linguísticas internacionais bem sucedidas.

Um exemplo sobre como aprender mais línguas é um benefício intelectual/cognitivo, para além dos já citados acima, é o vídeo da professora Keishia Thorpe. [The Teacher Who Helps Refugee Students Prepare For College | Keishia Thorpe | USA - YouTube](#). A experiência dos refugiados/ estrangeiros proporciona um debate mais descolonizado para nós brasileiros sobre a importância do Inglês como dialeto global.

Concluindo: será que o Inglês não pode ser um aliado do Português nos processos de leitura e escrita, tão preconizados pela BNCC, se a perspectiva de ensino for um percurso alternativo que explore bilinguismo, diáspora africana e criatividade?

Sugestão de documentário sobre internacionalismo negro e diáspora: <https://www.youtube.com/watch?v=-apY7hTJWNU>



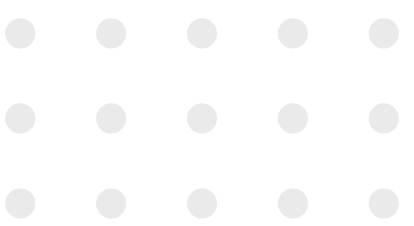
01

02

We don't speak English! (Nós não falamos Inglês!)

What's up guys?! (E aí galera?!). Calma! Não estou falando do aplicativo de celular. A pronúncia pode até ser semelhante em alguns contextos, mas a escrita é diferente: whatsapp. Não fique triste porque você não fala Inglês. Eu vou lhe ajudar a mudar esta situação com duas postagens. A primeira será para você que é estudante.

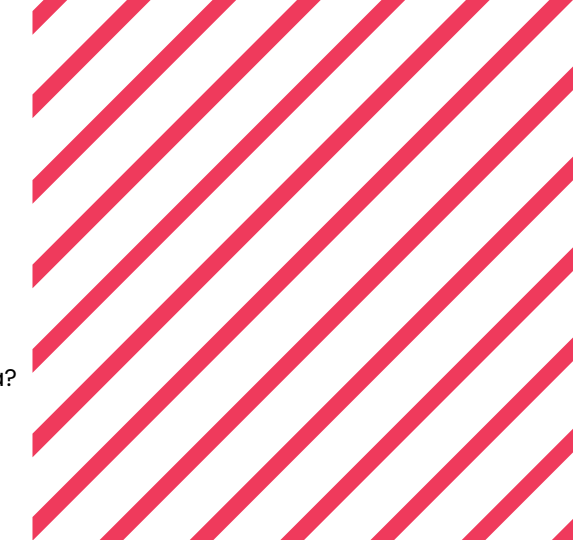
A segunda será para quem faz parte do corpo docente ou da gestão escolar. Are you ready? (Você está pronto?). Embarque comigo neste papo reto que garanto que vai ser mara!



Já parou para pensar na importância do Inglês na sua vida? Eu aposto que sim. Provavelmente, já deve ter escutado muita gente dizer que o mesmo é fundamental para arranjar um bom emprego, ter um desempenho excelente no ensino superior e comunicar-se com pessoas do mundo todo. Mas lhe falaram que esta língua pode aumentar o seu conhecimento a ponto de ter um trabalho online, não regulado por entrevistas de emprego, processos seletivos e concursos que às vezes não valorizam todo o seu potencial? Veja bem, estou falando com você que passa horas assistindo filmes e séries na Netflix; com a pessoa que adora jogar online; com a juventude que curte um podcast, uma música e uns livrinhos. Como estes inputs (insumos) podem fazer você aprender Inglês e ser bem sucedido intelectualmente/profissionalmente? Today, I'm going to give you two tips (Hoje, eu vou lhe dar duas dicas):

A primeira coisa que digo é a seguinte: pense no seu estilo de aprendizagem. Você aprende apenas ouvindo alguém ou algo? Será que fazer anotações é o seu melhor modo de acumular informações? Quando há leitura e escrita ao mesmo tempo, a sua aprendizagem fica mais fácil? Fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo acelera o seu desenvolvimento? Você possui uma rotina de estudos? Como é a interação com seu/ sua professor(a) de Inglês na sala de aula? Pois é, para melhorar o seu Inglês, é preciso conhecer o seu estilo de aprendizagem.

A segunda coisa que sugiro é escolher materiais que oferecem inputs (insumos) em Inglês que você mais gosta. Pense naquilo que lhe dá prazer porque você irá explorar estes materiais durante bastante tempo. Motivação é algo crucial para o processo de aprendizagem ser duradouro. Se for um filme ou uma série, assista-o/a com áudio em Português para entender a cena e depois coloque o áudio e a legenda em Inglês. Veja várias vezes para associar o som e a letra, praticar a leitura e a pronúncia. Assista de novo para anotar expressões e vocabulário, sempre fazendo o contraste entre o Português, sua língua materna, e o Inglês, a língua estrangeira. Se for uma música, ouça-a várias vezes para associar o som à letra. Depois, pratique a leitura e a pronúncia em Inglês. Logo após, faça um trabalho de traduzir a canção para conectar cada palavra ou expressão em Inglês ao seu correspondente em Português. Se for um jogo online, congele a cena e anote as expressões e palavras em Inglês. Após isso, utilize o google tradutor para entender os sentidos, sempre contrastando a língua estrangeira com a sua língua materna. Em todos estes casos, fazer pesquisa na internet para verificar se as suas interpretações estão corretas ou não é fundamental. Quando os termos pesquisados são palavras, principalmente substantivos concretos, o uso do Google Imagens pode ser uma boa ferramenta para confirmar se a sua associação entre sentido, som e escrita está correta. Além disso, explorar os diferentes usos, sentidos e contextos das suas anotações em dicionários monolíngues online, como Cambridge e Oxford, também é algo produtivo. Por fim, vale a pena saber se aquilo que você está aprendendo é utilizado no Inglês enquanto língua oficial ou materna ou estrangeira de algum lugar do mundo; se é formal ou informal; se é algo contemporâneo ou em desuso; para além de outras variações linguísticas de classe social, gênero, idade e região que impactam no uso da língua.



Agora que você já refletiu sobre o modo como se aprende e se usa os materiais, que tal pensar em sua trajetória afro-periférica? Como isso pode lhe ajudar a acessar mais conhecimento e ter uma profissão? Será que você viverá para sempre no Brasil? E se você estudar numa instituição no exterior cuja língua oficial é o Inglês? Já pensou em viajar para fora do país? Ou na possibilidade de trabalhar numa empresa multinacional em qualquer parte do mundo em que o Inglês é a língua de comunicação? Será que você poderá criar algo completamente inovador a partir do acesso a um mundo cultural em Inglês que ainda não foi traduzido? Já imaginou as diferentes receitas e pratos culinários que ainda não foram traduzidos para o Português? Já pensou no conjunto de filmes, jogos online, livros, séries, jornais, podcasts, rádio, programas de TV que ainda não foram traduzidos? Se você não sabe Inglês, como você irá acessá-los? Já pensou no quanto de conhecimento que o mundo dos games pode te dar? Seria bom ganhar dinheiro vendendo estratégias de jogos? Seria bom ganhar dinheiro programando jogos? Já pensou em ser um ilustrador(a), um(a) artista plástico(a), um(a) cineasta, um(a) designer ou até mesmo um tradutor(a)/intérprete dos pares Inglês-Português/ Português-Inglês?

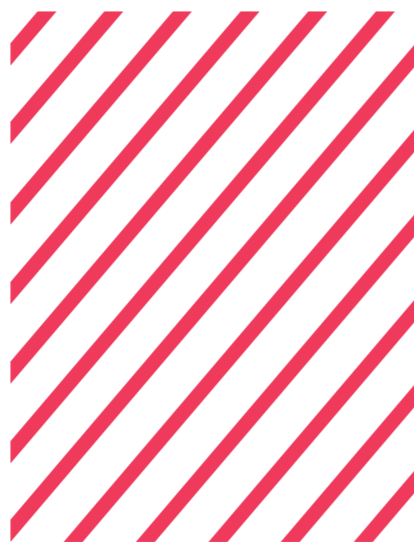
É preciso refletir de modo crítico sobre as informações que estão apenas disponíveis em Inglês, não é mesmo? Não dá para ficar dependendo de legenda e de google tradutor o tempo todo. Você precisa ter autonomia para poder se reinventar e se recriar a partir da sua própria experiência. Fico por aqui e logo espero você postar: I speak English fluently.

Embora haja diferentes modelos e entendimentos sobre o ensino do Inglês no Brasil, enquanto um percurso alternativo, vale a pena investir na motivação interna dos alunos para aprender o idioma, tendo predileção por exercícios de conversação, de dramatização de diálogos, de escrita de pequenos textos e de escuta de situações reais de uso da língua, tudo isso a partir de um universo relacionado às experiências vividas através de jogos, músicas, séries, filmes, redes sociais que podem facilmente ofertar pedaços de Língua Inglesa. A base curricular nacional já pressupõe o ensino do Inglês como língua estrangeira do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, ação que demonstra uma necessidade de formação mais sólida na área, principalmente nesta perspectiva que conecta o Brasil com o mundo afro-diaspórico, tal como preconiza a lei 10.639/03 modificada pela 11645/08. Como grande parte dos professores de Língua Inglesa das escolas públicas também possui formação sobre o ensino do Português como língua materna, as sugestões dadas colocam este grupo de docentes em situações de protagonismo no desenvolvimento da aprendizagem do Inglês/Português-Inglês/Português por meio de uma série de atividades interdisciplinares que envolvem os professores de outras disciplinas e a equipe gestora. Pense na sua realidade escolar e analise as sugestões abaixo:

Formação continuada por meio digital para professores, alunos e funcionários sobre aspectos linguísticos e culturais da Língua Inglesa numa perspectiva que seja capaz de conectar a experiência vivida das escolas periféricas com o Inglês enquanto um dialeto;

Nomeação de algumas partes do espaço escolar Inglês/Português-Inglês/Português, tais como salas de aulas, refeitório, menu das refeições, banheiros, quadras esportivas, biblioteca, anfiteatro e outros;

Acolhida inicial dos estudantes nas primeiras aulas do turno matutino e vespertino explorando cumprimentos (Hi, Hello, What's up, How are you doing? How are you feeling today? High Five, Fist Bump); vocabulário sobre cores, números, formas geométricas, animais, comida, partes da casa, roupas, profissões, espaços da cidade, canções; perguntas e respostas sobre nome (What's your name?), idade (How old are you?), origem (Where are you from?), tempo (What's the weather like today?), data (On July 1st), hobbies (What do you like doing?), rotinas diárias (What time do you go to school?), atividades feitas no final de semana/mês passado/ano passado (What did you do last weekend?), planos para o futuro (Where will you live in 2022?). A acolhida será feita no início da primeira aula do período da manhã e tarde, três vezes na semana, levando de 5 a 10 minutos, explorando apenas um tópico elencado de acordo com a idade e o nível de proficiência de cada sala;



Promover leitura de histórias em Inglês uma vez por semana com os alunos utilizando obras literárias adaptadas para diferentes níveis em Inglês (readers), bem como diferentes textos digitais disponíveis na internet. Esta atividade pode ser planejada e feita pelos professores de Inglês em parceria com os professores de Língua Portuguesa, que poderão trabalhar versões em Inglês e em Português do mesmo texto. A atividade pode contar com recursos como texto impresso, projetor, caixa de som e microfones para que os alunos possam fazer a leitura dos textos em conjunto com os professores;

Promover English Conversation Groups com professores, alunos e equipe gestora. A ideia é que os participantes sejam divididos em grupos e/ou duplas para promover atividades de speaking (fala) a partir de textos que envolvam multimodalidades orais, escritas, imagéticas, sonoplásticas. Esta atividade pode ser conduzida e planejada pelos professores de Inglês;

Desenvolver atividades em Inglês a cada quinze dias que explorem vocabulário ou expressões específicas de cada disciplina por meio de jogos, trechos de vídeos do youtube, músicas, filmes, documentários, cartões visuais, palavras cruzadas, caça-palavras, mapa conceitual e outros que envolvam textos multimodais, ou seja, junção de semioses orais, escritas, imagéticas, sonoplásticas. Esta atividade pode ser planejada durante as formações dos professores e conduzida por cada um deles a partir de orientações dadas pelo professor de Inglês;

Desenvolver um projeto em que os alunos irão trabalhar com diálogos, trechos de filmes, músicas e outros gêneros textuais que fazem junção de semioses orais, escritas, imagéticas, sonoplásticas, lendo-os, escutando-os e produzindo-os tanto em Inglês quanto em Português. Esta atividade pode ser planejada e conduzida pelos professores de Português e Inglês;

Desenvolver um projeto em que os alunos terão uma vez por mês uma aula de cada disciplina em Inglês-Português no anfiteatro, quadra, no pátio, nas praças e/ou outros ambientes. O professor de cada disciplina receberá formação específica para promover tal ação e contará com o professor de Inglês para fazer a tradução simultânea do Português para o Inglês. Será importante que a atividade envolva o uso de jogos, músicas, vídeos, filmes, séries, danças e outros textos que fazem junção de semioses orais, escritas, imagéticas, sonoplásticas, bem como a interação dos alunos. Esta atividade será planejada nas formações dos professores e conduzida por eles com apoio do professor de Inglês;

Divulgação dos trabalhos desenvolvidos em Inglês/Português-Inglês/Português no site da escola, por meio de fotos, vídeos, posts e webséries. Esta atividade será feita pela gestão da escola com o apoio do professor de Inglês.

AFROEMPREENDEDORISMO: MODISMO OU UMA ESTRATÉGIA DE RESILIÊNCIA?

Contar a narrativa de que a escravidão e a colonização europeia culminaram no subdesenvolvimento do continente africano e dos espaços em que seus descendentes hoje residem por vezes gera sentidos de apagamentos de trajetórias e agenciamentos individuais e coletivos operados pela população negra.

Quando aplicado às narrativas históricas de resiliência da população afrodescendente, o sentido da palavra empreendedorismo muda. Trata-se de uma habilidade histórica de driblar os cenários em que há falta de oportunidades de emprego e/ou estudo a este grupo. No caso do Brasil, o fim da escravatura não garantiu à população negra ações políticas de reparação da desigualdade social, tais como acesso a terras para desenvolvimento da agricultura, indenização monetária, direito à escolarização e oportunidades dignas de emprego. Todavia, por se tratar de uma prática histórica, a noção de empreendedorismo pode remeter às práticas culturais de solidariedade que culminaram em aquilombamentos, irmandades, grupos abolicionistas, capoeira, samba, literatura, religiões de matriz africana (candomblé e umbanda) e o jornalismo.



Ou seja, mesmo perante um estado nacional que não promoveu trabalho tampouco escolaridade à população afrodescendente livre, podemos citar uma série de exemplos de empreendedorismo, não é mesmo? O que seria o samba hoje se não fossem as estratégias de Tia Ciata? Quais lições de enfrentamento podemos aprender com ela? Já parou para pensar no carnaval no Brasil, uma prática de matriz afrodescendente, e no volume de dinheiro que este evento faz circular hoje?

E você sabia que no pós-abolição Brasil o samba era considerado uma prática marginal, um crime e que muitas escolas de samba foram perseguidas durante a ditadura militar. E a capoeira? Hoje uma prática ensinada em diferentes lugares do mundo, em formato de aula, evento, festival, mas com a mesma trajetória de negação e criminalização como o samba.

Agora, vamos pensar no termo como habilidade de desconstruir cenários de oportunidades desiguais de estudo às populações afrodescendentes. Vamos três casos de escritores. Os dois primeiros, Machado de Assis e Lima Barreto, tiveram acesso a uma cultura erudita, seja por favores, apadrinhamentos ou autodidatismo, e utilizaram da norma culta da língua portuguesa para criarem histórias clássicas sobre o Brasil. A habilidade de Machado de Assis colocou o seu produto à frente da própria época, despertando brigas sobre o fazer literário com o próprio Eça de Queiroz, escritor realista Português. A denúncia sobre o funcionamento do estado patrimonial brasileiro bem como uma elite econômica cujas ideias são conservadoras e escravocratas foi algo duradouro na crítica que Lima Barreto fez através de seus textos literários. Ambos irônicos, fizeram denúncias gravíssimas sobre o racismo brasileiro em seus textos literários e tiveram no jornalismo uma forma de escola para chegar à grandiosidade de seus textos. O terceiro e último exemplo, trato de Carolina Maria de Jesus. Esta não teve acesso a uma escolarização como Machado e Lima, mas mesmo assim sua criatividade e genialidade foram capazes de romper a colonialidade da língua e fazer uma nação inteira olhar para ela, o seu lugar periférico, a condição de favelada.

Empreendedorismo negro não se trata de fazer do limão uma limonada, mas de apostar na própria experiência vivida e na criatividade como forma de garantir remuneração e subsistência. É o caso de Ana Paula Xongani (influenciadora digital e empresária de moda no Ateliê Xongani) que, juntamente com sua mãe, abriu novos campos no designer e na criação de roupas em diferentes estilos afro-diaspóricos:

No empreendedorismo negro, a juventude desempenha um papel importante porque torna-se precursora de novas formas de empreender. É o caso das gêmeas Tasha e Tracie Okerere, rappers que também produziram estilos diferentes de customizar roupas. Em ambos os casos, há uma rede de atores sociais sendo mobilizados, gerando emprego e oportunidades para populações afro-periféricas.

E por falar em rede de solidariedade entre a população afro-brasileira, a Feira Preta é um exemplo porque reconhece todo um potencial criativo, por vezes não reconhecido em processos seletivos de emprego e concursos públicos, valorizando-o, monetizando-o e garantindo a existência de muitas pessoas negras.

Ainda assim, o sentido da palavra empreender também pode estar relacionado ao uso maximizado de ações afirmativas pelo setor privado em processos seletivos exclusivos à população negra. É o caso da empresa Magazine Luiza. Assista ao vídeo do programa de trainee exclusivo para negros

[LEGADO: O Programa de Trainee Magalu exclusivo para negros \(pretos e pardos\) - YouTube](#)

Quantos talentos não são desperdiçados por falta de oportunidades à população negra?

Entrevista: Neide Aparecida da Silva Fantini



Graduada em História e Geografia pela Uni Mauá –
União das Faculdades Barão de Mauá- Ribeirão Preto

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário
Claretiano – Batatais

Pós-graduada na Área da Violência Doméstica Contra
Crianças e Adolescentes (Universidade de São Paulo
e Prevenção do Uso de Drogas Para Educadores de
Escola Pública Universidade de Brasília e cursos sobre
África e Africanidades pela Prefeitura Municipal de
Ribeirão Preto

Presta serviço na Prefeitura Municipal de Ribeirão
Preto desde 1990 onde exerceu atividades diversas
como: Agente Administrativo, Oficial Administrativo,
Secretário de Escola, Professor, Coordenador
Pedagógico, Coordenador de Área de História e Vice-
diretora

Faz parte do Coletivo Eu Vim de Lá na EMEF Virgílio
Salata que debate a inserção da temática étnico
racial no ambiente escolar e Resenha da Preta onde
faz mediação de literatura preta na Biblioteca Sinhá
Junqueira

Qual a importância do desenvolvimento de competências e habilidades digitais no espaço escolar?

Penso ser esse uma competência das
mais importantes, embora seja bastante
complexo falar em habilidades digitais. Afinal,
antes do desenvolvimento da habilidade,
precisamos ter conhecimentos relacionados
ao funcionamento de aplicativos, os riscos
da internet e da comunicação online, o papel
da tecnologia, a veracidade da informação
e os princípios éticos e legais dessas
ferramentas. Penso nas habilidades como
capacidade de gerenciar essas informações
e estabelecer conexões entre o mundo real e
o virtual, utilizando serviços como suporte à
inovação e criação e isso exige dos sujeitos
criticidade e reflexão. Nesse sentido, uma
das funções sociais da escola é auxiliá-los
ao pleno exercício de sua cidadania, que
passa obviamente pelo desenvolvimento
de competências e habilidades digitais. Se
voltarmos ao ano de 2020, constatamos
que embora essa discussão já fosse objeto
de debate na UNESCO e mesmo na BNCC
desde o processo de consulta pública em
2015, as escolas, em sua maioria, estavam
completamente desprovidas de ferramentas
digitais que pudessem contribuir com o
processo de ensino e aprendizagem durante a
pandemia da COVID-19. Esse abismo passava
pela formação dos professores que em muitos
casos não conheciam ferramentas gratuitas
de plataformas como o Google e seu uso
pedagógico.

A tecnologia modificou a forma como as pessoas vivem, se relacionam, aprende e produz novos conhecimentos. Se a tecnologia traz um impacto dessa natureza, cabe à escola e todos os envolvidos nela a busca de uma alfabetização múltipla e digital, tecnológica, informacional e para o exercício da cidadania digital. Costumo dizer aos meus alunos, que enquanto professora de História, minha função não é ensiná-los que os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, mas, que ao abrir uma enciclopédia digital como o Wikipédia, consigam comparar essas informações com outras fontes de pesquisa, analisem, selecionem e avaliem criticamente essas informações para assim resolverem problemas e construam conhecimentos compartilhado e colaborativo, à medida que se formam enquanto sujeitos.

Quais estratégias de ensino/aprendizagem foram utilizadas em suas aulas de História durante o ensino remoto?


Minha primeira preocupação no ensino remoto foi buscar alternativas que me mantivesse em contato com o maior número possível de alunos e a alternativa que melhor respondia a essa demanda foi o uso do Whats App enquanto ferramenta pedagógica. Muitos alunos tinham acesso, por vezes o uso do aplicativo tinha acesso ilimitado no plano da operadora e caso o aluno não tivesse acesso, alguém da família teria. Com os grupos montados, abusei da facilidade de acesso às mídias visuais (fotografias, cartazes, charges, HQs, pinturas, mapas mentais) como alternativa à preponderância da fonte escrita para a realização da crítica documental. Dessa forma, era possível, por exemplo, analisar um cartaz anti máscara por ocasião da pandemia de gripe espanhola que estivesse em língua inglesa já que os alunos teriam acesso não só ao cartaz, mas ao tradutor. Outra estratégia foi utilizar as ferramentas do Google for education para a interação com os alunos. Dessa forma, os textos coletivos puderam continuar a serem feitos através do Google Docs, avaliações e jogos através do Google Forms, apresentações e até gincanas foram feitas com ferramentas como o Power Point. Os alunos foram instrumentalizados a publicarem seus textos enquanto agente histórico em ferramentas como Padlet ou enviarem para publicação em site criados para potencializar textos autorais. Uma outra estratégia utilizada foi a utilização do cotidiano enquanto fonte de pesquisa, resolução de problemas e produção de conhecimentos. Se os alunos têm como objeto de pesquisa, por exemplo, o levantamento do número de alunos da escola que abandonaram os estudos no ano anterior, podem comparar esses dados com dados de evasão escolar em documentos oficiais e analisar o impacto dessa realidade em sua comunidade e país. Chamo de História Aqui e Agora, uma forma dos alunos não verem a disciplina como algo distante. No processo de ensino remoto a música, trechos de filmes, animações, visitas a museus virtuais, espaços e bibliotecas também foram utilizados como ferramenta pedagógica. Além disso, utilizei jogos online como quebra cabeças históricos, jogo da memória ou quizz e outras ferramentas como construção de caça-palavra ou nuvem de palavras. Sempre que possível, gravava as informações em vídeos curtos (de até 10min), incentivava o uso de ferramentas do próprio whats app para circular, apontar, ligar após print de tela. Foram utilizadas sala de aula virtual no próprio whats app e no Meet.

Você poderia nos relatar os maiores desafios enfrentados pelos estudantes no período de ensino não-presencial?

Acho que o maior desafio esteve ligado a competências socioemocionais. Foi difícil para os alunos manterem o foco nos estudos enquanto inúmeros problemas sociais se avolumavam (perdas humanas, perda de poder aquisitivo das famílias, instabilidade e incertezas tanto no formato do ensino remoto quanto da volta ao presencial, convivência com inúmeras violências). Penso que outro grande desafio era não permitir o alargamento do abismo que já havia entre a educação privada e a pública e nesse sentido, a escola pública saiu em grande desvantagem. Os alunos que não tinham acesso à internet tiveram que aguardar um longo tempo pelo acesso ao chip, muitas vezes as conexões eram insatisfatórias ou mesmo o aparelho não possuía ferramentas para abrir um vídeo ou acessar uma aula virtual.

A professora coordena um grupo de estudos em sua unidade escolar chamado “Eu vim de lá”. Quais atividades promovidas pelo grupo colaboram com a aplicação da lei 10.639/03 e 11.645/08?

Primeiro gostaria de esclarecer que não me considero coordenadora do grupo porque sua criação e funcionamento foram pautados na coletividade. Depois, por que entendo que não é possível trabalhar a aplicação da Lei 10.639/03 e 11.645/08 sem conhecer e aplicar valores civilizatórios próprios de nações africanas como a energia vital de tudo que é vivo e existe, ancestralidade, oralidade, circularidade, musicalidade, ludicidade e cooperativismo. Assim, não cabe a máxima cartesiana do ‘penso, logo existo’, mas a ideia do penso, sinto, olho, observo, cuido, brinco, amo, admiro... e existo. É dessa forma que o grupo “Eu vim de lá” contribui com a aplicação das leis citadas. Juntos, buscamos fortalecer o coletivo comunidade escolar, trazendo de forma sistemática esses valores civilizatórios para a rotina escolar, além de trazer contribuições que foram apagadas ou invisibilizadas ao longo de nossa história. Uma outra preocupação do nosso grupo é não perder de vista os documentos normativos relacionados à educação das relações étnico raciais como a própria Lei 9394/96, Pareceres, Orientações e Resoluções do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica. Considero que esses documentos devam ser os verdadeiros balizadores de nossa ação docente em relação à essa temática porque a BNCC embora traga muitas vezes a palavra diversidade, não deixa claro qual diversidade busca contemplar. Além disso, são marcos importantes e fruto de lutas dos movimentos sociais organizados e precisamos reverencia-los e construir nossos lugares de memória a partir de sua não invisibilização.

The background features a vibrant color palette of reds, oranges, and yellows. On the left, there are several parallel diagonal red lines. The central area is dominated by a large, solid red vertical rectangle containing text. To the right, there are faint, large-scale geometric patterns, including a grid and curved lines, in shades of orange and pink. The overall design is modern and graphic.

Conhecer a diversidade de povos e culturas que formam o Brasil é um dos pressupostos para construir bases consistentes para aprendizagens efetivas e mobilizadoras para todos.

A proposta de percursos alternativos de coletivos de educadoras e educadores preza pelo reconhecimento, respeito e a valorização da diversidade cultural como base para a qualidade da implementação da BNCC, ressaltando referências, continuidades, metamorfoses e simbioses dos povos que formaram nosso país como andaimes para a construção de um sistema educacional coerente em quatro frentes: currículo, material didático, formação e avaliação. Desse modo, tem-se uma ampla rede de parceiros que reivindicam a ampliação dos valores e a participação efetiva no desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que de fato faça diferença para todos os estudantes brasileiros.

PERCURSOS ALTERNATIVOS

A solid red horizontal bar is positioned at the bottom of the page, extending from the left edge towards the center.